

Às vezes dá vontade de desistir

Pesquisa mostra que 48% dos professores sofrem de síndrome de Burnout, ou desejo de largar a profissão, mesmo amando o que fazem

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

Vida de professor não é fácil. Mas isso não é novidade. O que pouca gente pode notar até hoje é que enfrentar 40 alunos em uma sala de aula, estudantes que vão armados para o colégio, crianças que não conseguem aprender, deixa os professores doentes. Não apenas com problemas físicos, como dores nas costas ou calos nas cordas vocais. São doenças nervosas.

Uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB), a pedido da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), mostra que 48% sofrem de uma síndrome chamada *Burnout*, ou da desistência.

Os sintomas são facilmente encontráveis em qualquer sala de aula, de qualquer escola pública do país. É o professor que acha que não vai dar conta do trabalho, que quer desistir, mesmo adorando a profissão. É aquele que perde a paciência com facilidade, ou o que prefere nem mesmo saber o nome dos alunos. As coisas não lhe importam mais, e todo o esforço parece inútil. "Ele se afasta e despersonaliza a relação para não sofrer, porque acha que não vai mais conseguir mudar nada", explica Iône Vasques-Menezes, uma das coordenadoras da pesquisa na UnB.

A síndrome não chega, no entanto, pelos baixos salários — o que sempre parece ser a maior

queixa dos professores. "O que mais nos deixa por baixo é a falta de condições para que a gente faça um trabalho como queremos", conta Ana Lúcia Vasconcelos Rosa, professora da Escola Classe da Candangolândia.

As condições de trabalho aparecem como os principais fatores que desencadeiam a síndrome. "A violência na escola, por exemplo, está diretamente ligada ao aparecimento do *Burnout* no professor", explica Iône. A carga de trabalho, a dificuldade em encontrar espaço para dar suas opiniões ou ajudar nas mudan-

ças na escola também atrapalham.

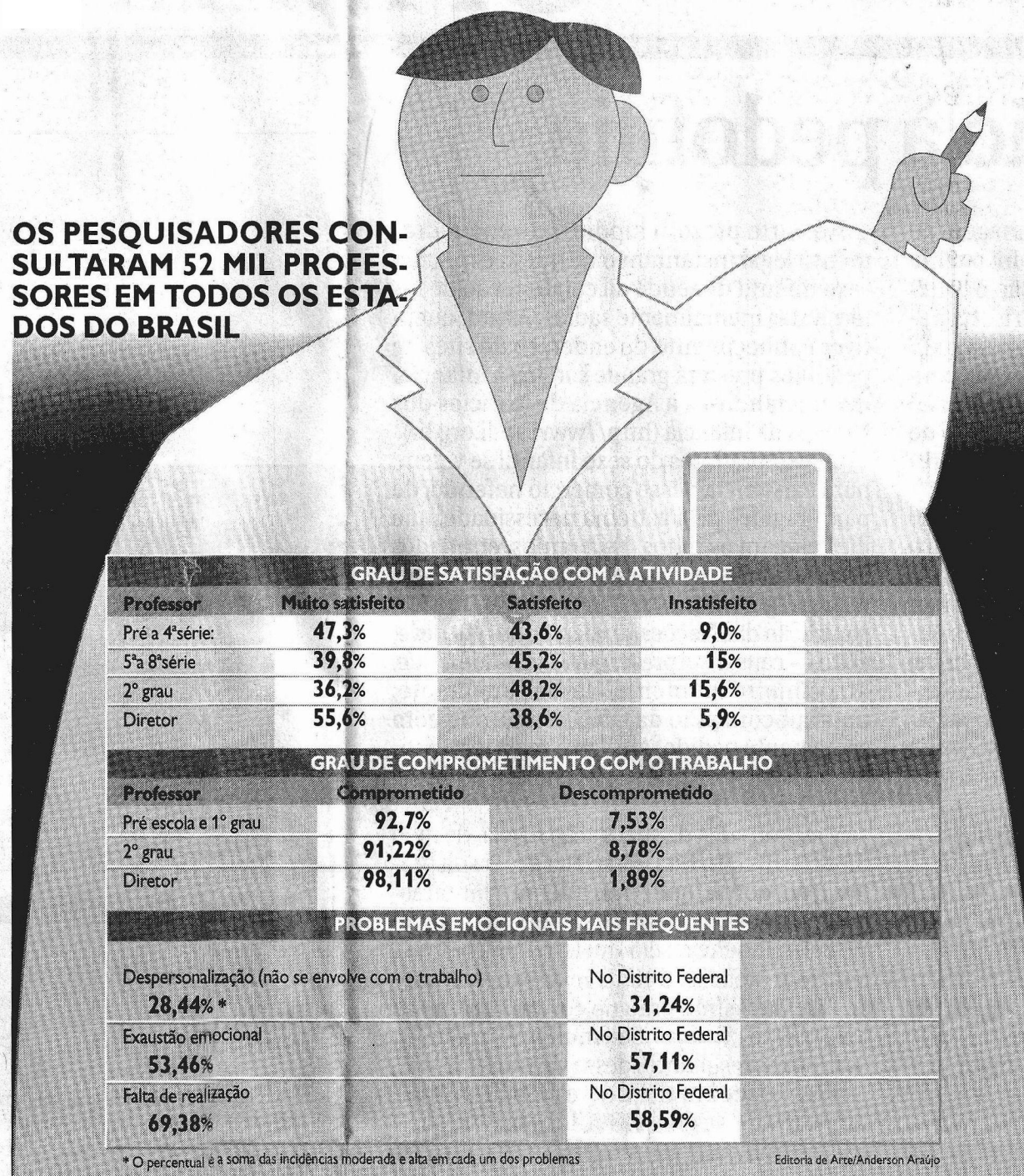
Conforme a pesquisa, feita em universo amplo — 52 mil professores de 1.444 escolas de todos os estados —, entre os que acreditam estar trabalhando demais, 82% apresentam exaustão emocional. Outros 42% têm o que os pesquisadores chamam de despersonalização: um

afastamento emocional e falta de envolvimento com o que fazem.

"Eu trabalho 40 horas. Uma turma de alfabetização de manhã e outra à tarde, cinco horas em sala de aula com cada uma delas. Quando eu chego em casa à noite, estou morto, não quero fazer nada. E, normalmente, todo professor ainda tem que usar seu tempo em casa para preparar aulas. E olha que as condições de trabalho em Brasília são consideradas entre as melhores do país", diz Nilton Rosa, professor na Escola Classe 204 sul.

Depoimentos como o de Nilton apareceram com frequência na pes-

OS PESQUISADORES CONSULTARAM 52 MIL PROFESSORES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL



quisa conduzida pela UnB. "Os professores se queixam de que parte da frustração deles vem de saberem que não estão fazendo tudo o que deveriam, por não conseguirem fazer mais; muitas vezes, por exaustão", conta Analía Soria Batista, também coordenadora do estudo.

SOBRECARGA

O professor brasileiro, então, sente-se sobrecarregado, desorien-

tado, com medo — a violência e o vandalismo nas escolas não deixam espaço para as coisas serem diferentes —, sozinho. Uma situação um tanto desconfortável para quem tem de enfrentar todo dia a imensa tarefa de transformar crianças em cidadãos.

"O trabalho do professor é o que chamamos de tiranicamente perfeito", diz Iône. "Ele não pode errar, deve acreditar que tem o po-

der de um deus e fazer seus alunos acreditarem nisso. Senão ele não ensina, não convence."

Mas esse suposto Deus se sente sozinho na maior parte dos casos. "O que eu mais sinto é a solidão, o que mais me marca", conta Marizete Sampaio, professora na Escola Classe 13 de Sobradinho. "Nós não temos quem nos orientar, com quem trocar idéias, para onde nos virarmos."

No seu primeiro ano como professora, alfabetizando uma turma de 1ª série, Marizete teve urticária nervosa. Ana Lúcia teve vontade de sair correndo e achou que não ia agüentar sua primeira turma de 1º grau. "A pressão é enorme, principalmente em cima do alfabetizador", diz Nilton Rosa.

O medo do professor que ensina a criança a ler e escrever, caso de Nilton, Ana Lúcia e Marizete, é chegar ao fim do primeiro ano sem conseguir alfabetizar. "É um medo danado do fracasso, e aquela certeza de que, não importa o que a gente faça, não vai conseguir", explica Marizete.

COMPENSAÇÃO

Com todas as suas causas, o *Burnout* parece ser uma síndrome de escolas pobres, em estados falidos. Mas, ao contrário do que possa parecer, os maiores índices de professores atingidos vêm de estados mais desenvolvidos, como o Rio Grande do Sul e o Distrito Federal. A exaustão emocional no Rio Grande do Sul, por exemplo, atinge 39,36%. A despersonalização, 12,12%.

O Distrito Federal não fica muito atrás: quase 32% de professores com exaustão emocional, 10% com a despersonalização.

"No estado ou no município mais pobre, apesar do salário e das condições ruins, o professor ainda mantém o status, um reconhecimento na sociedade, o que de certa forma compensa as dificuldades", explica Iône. "Numa cidade grande, onde nem o aluno reconhece a sua importância, não sobra nada além da pressão."

Sobra, porém, o amor pela profissão, o que normalmente segura os professores em sala de aula, apesar de todas as reclamações. Segundo a mesma pesquisa, mais de 40% deles dizem estar muito satisfeitos com seu trabalho. E o índice é maior — 47% — entre aqueles costumam enfrentar mais dificuldades, os que dão aulas para 1ª e 4ª séries. Outros 40%, em média, afirmam estar satisfeitos. A maioria também — mais de 90% — garante se sentir comprometido com o ensino. Apesar de tudo, ensinar ainda é algo que vale à pena para quem está em sala de aula.